

TEATRO/DANÇA
12, 13 SETEMBRO 2015

E se tudo fosse amarelo?

de Sílvia Real

FUNDAÇÃO CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS

Culturgest



Direção artística e produção executiva Sílvia Real **Cocriação e codireção artística** Bruno Cochat **Direção musical** Sofia Sequeira **Cocriação musical** Rute Prates **Reflexão e diálogo curatorial** Catarina Saraiva **Desenvolvimento de textos / filosofia com crianças** Rita Pedro **Assessoria pedagógica e dramaturgia** Bárbara Ramires **Desenho de luzes e direção técnica** Frank Laubenheimer **Design gráfico** Carlos Bártolo **Operação de luzes** Carlos Ramos **Video promocional** Bruno Canas **Gravação da banda sonora** Moz Carrapa **Interpretação e cocriação** Filomena Araújo, Helena Araújo, Jasmim Mandillo, Laura Sequeira, Miguel Fabião, Nuno Pelágio, Vicente Magalhães **Coprodução principal** Culturgest **Coprodução secundária** Festival Músicas do Mundo; Produções Real Pelágio **Apoio administrativo** EIRA **Apoios** Centro de Formação Artística/Teatro da Voz, EIRA e Escola Voz do Operário/Graça **Video livro** BOCA – palavras que alimentam (em produção) **Agradecimentos** Pais de todas as crianças envolvidas, Rosa Peliças, António Pedro e Sérgio Pelágio

Este projeto é o primeiro espetáculo com um grupo de crianças e adultos a ser ensaiado no CFA/Teatro da Voz em Lisboa. Circulação do projeto 2015/2016 em parceria com Festival Músicas do Mundo, Teatro Virgínia, Teatro Cine de Torres Vedras, Teatro da Voz, Festival Verão Azul, Festival Materiais Diversos, Serralves em Festa.

Sáb 12, dom 13 de setembro
16h · Pequeno Auditório · Duração: 1h · M6

Grupo 23 apresenta o primeiro espetáculo *E se tudo fosse amarelo?* de Sílvia Real.

Começou por ser um projeto experimental, sem qualquer expectativa de se desenvolver em algo mais para além disso. Foi crescendo a nível artístico e em número de colaboradores. Neste momento, acabámos de dar a “cambalhota” final e somos 23 pessoas, entre adultos e jovens adolescentes. O Grupo 23 é uma referência humorística ao G20. Formámos um grupo com uma visão otimista do mundo, um discurso intergeracional e horizontal ao qual se podem somar outras vozes, todas as que quiserem dizer algo de interessante para a construção de uma pequena e melhor história do mundo.

Somos uma grande equipa, todos escolhidos minuciosamente e todos extremamente importantes por diferentes razões. Nesta fase conturbada em que vivemos, achamos fundamental homenagear as pessoas e os processos, daí a razão do nome do grupo incluir todos os participantes. Vinte e três pessoas, entre artistas, pedagogos, produtores, editores, músicos e jovens adolescentes.

Sem a disponibilidade por parte destes jovens adolescentes e seus pais, sem o empenho de todos os colaboradores e dos muitos que fizeram parte mas que, por razões várias, tiveram de abandonar este projeto, não seria possível chegar a este resultado.

Catarina Saraiva e Sílvia Real

Depois de vários anos a apresentar espetáculos para o público mais jovem

(trilogia *Casio Tone, Subtone, Tritone*: 1997/2007), o meu trabalho com crianças ganha novo fôlego com este Grupo.

Acredito que este contacto com a arte irá contribuir para mais tarde estes jovens adolescentes serem pessoas mais sensíveis, críticas e confiantes.

Agora inicia-se uma nova fase. Um espetáculo vai estreiar, um Grupo novo surge e a digressão vai acontecer, não só do espetáculo, mas de toda a ideia por detrás do espetáculo, com oficinas, reflexão e interação local. O Grupo 23 vai percorrer várias cidades onde a Real Pelágio tem parceiros de longa data que, mais uma vez, acreditaram no nosso projeto.

Obrigada a todos os programadores e parceiros que decidiram apoiar o nosso projeto.

Obrigada a todos os extraordinários colaboradores por acreditarem e abraçarem esta grande aventura!

Obrigada a todos os magníficos jovens adolescentes pelo entusiasmo e dedicação que me ensinam constantemente e por me ajudarem a alterar muitas vezes o processo artístico e a minha sensibilidade artística! Sílvia Real

Sobre *E se tudo fosse amarelo?*

Começámos com o conceito de conflito, andámos à volta de histórias com espartanos e gregos (a partir do livro *Uma pequena história do mundo*, de E. H. Gombrich). Brincámos à volta de algumas reivindicações que as crianças têm para com os seus pais e para com o mundo em geral. Depois evoluímos para uma nova ideia – o erro. E se não quiséssemos sempre “apagar” os erros,

mas sim sublinhá-los e, a partir disso, construímos juntos um espetáculo?

Sílvia Real

O que significa a liberdade numa sociedade em que as regras nos são impostas de forma a normatizar-nos? Hans Ulrich Gumbrecht, filósofo alemão contemporâneo, defende que esta é uma das problemáticas do mundo amplo e atual: termos demasiadas opções para o futuro. Eu digo o contrário, considero importante que a sociedade não se reprima e se construa baseada na liberdade e no entendimento do que é essa liberdade. Para isso é necessária toda uma educação social e política. *E se tudo fosse amarelo?* de Sílvia Real é a prova de que é possível conseguir construir discursos críticos desde muito jovem e ter a capacidade de entender experiências estéticas. Num verdadeiro processo de criação colaborativa, Sílvia Real exige de toda a equipa uma única coisa, a capacidade de tomar decisões de forma livre e de saber respeitar a diferença entre todos, jovens e adultos. O resultado é, obviamente, uma peça bem pensada que nos capta a atenção do princípio ao fim. Não é só o processo de criação que foi interessante, democrático e crítico. A própria obra espelha as intenções de todo o projeto, não há rei, não há servo, há um grupo intergeracional que comunica e está disposto a fazer um futuro diferente, responsável e livre. Catarina Saraiva

Este é um trabalho, acima de tudo, filosófico. O que pensam as crianças quando pensam de facto?

Longamente, repetidamente, abstrata e concretamente?

Este é um grupo profissional. Tão profissional quanto um grupo de crianças pode ser. Há um conhecimento profundo do que os une, mas, acima de tudo, do que os distingue. Num trabalho de Improvisação e Composição, de Movimento, de Interpretação, de Música e de Filosofia, as cenas nascem. Nascem assim, porque somos assim e não podia ser de outra maneira. A Linguagem (ou as Linguagens) é nova, nada é o que já tenhamos visto.

A Sílvia está no meio delas, pensa com elas e como elas, a Dança surge como uma consequência. Não importa tanto *Como* dançam, mas *Porque* dançam estas crianças... Bruno Cochat

O princípio é olhar de novo para o instrumento, como se não o conhecessemos. Descobrir, procurar sons e formas de produção de som não habituais, tudo é possível, nada é errado... Olhar e ouvir com uma atenção nova...

Partimos para uma proposta de exploração sonora dos instrumentos de cada criança, independentemente do nível de conhecimento musical de cada um.

Procurámos então encontrar formas de escrita. Como codificar e decodificar os sons que encontramos? Surgem as perguntas das crianças: como escrevo? O que quero escrever? Desenho o gesto? Desenho o sítio do instrumento em que o som aparece? Escrevo as alturas? O efeito que o som *desenha* no ar? No corpo?

Cada criança escreveu uma sequência

de quatro ou cinco sons que executou para as outras, discutindo-se entre todos a eficiência de cada escrita. Vimos partituras de compositores contemporâneos e ouvimos a sua música e observámos a semelhança e a distância entre o que encontramos.

Tendo por base a exploração inicial, realizámos sessões de improvisação. Olhos fechados! O que é que o som nos faz sentir? Escutar o silêncio entre os sons, escutar os outros e responder. Quando se começa? Quando e como se acaba? O que faz um início? E um final?

Pedimos então às crianças para alternarem os momentos de improvisação com momentos fixos compostos por cada grupo. Encontrámos outras perguntas: O que é música? Isto que fazemos quando improvisamos é música? O que é o erro neste contexto?

O que gostamos de ouvir?

Das sessões de improvisação/composição apareceram questões ligadas à repetição, à interpretação, à expressão e à forma. Procurámos aumentar a consciência do que nos move e da eficácia dos meios escolhidos. Confortar? Criar tensão? Agradar? Provocar?

E como? Continuamos com a criação de música da autoria exclusiva das crianças... Sofia Sequeira

Uta (Filomena), desprevenida, não suporta como aparenta ser. Adivinha o futuro e está sempre no seu mundo. Tem a roupa larga para esconder o dinheiro, no qual é viciada. Tem medo de não se integrar no grupo. Infelizmente, é uma fraude.

De Mille (Miguel), trapalhão.

Homem do Século XIX. Acha-se superior a tudo e a todos. Imponente, distraído e hipócrita. É enganado por tudo e todos. Repete coisas que já foram ditas. Louco com amnésia. Charlatão (coitado, é louco!).

Christine (Helena), *hippie* inovadora, cansada da sua vida e farta de dizer ideias que ninguém ouve. Pensa que tudo é uma seca. Muito *cool*. Está mais preocupada em descansar do que em pensar.

Esdrubaldina (Laura), vazia por dentro, acha que é superior em tudo, até na roupa, que é de uma marca barata. Pensa coisas como se tivesse ouvido pela primeira vez. Pirosa, acha tudo um nojo. Tudo lhe cheira mal.

Jamais (Jasmim), um bocado parva por dentro. Ladra de turistas, ela própria finge ser turista. Tem um humor muito estranho. Perspicaz. Se calhar é bastante superficial. Diz estar sempre de férias.

Castro Ocular (Nuno), agente secreto e convencido. Bipolar, deprimido e neurótico. Sonhador fracassado. Compra roupa em lojas caras. Teoriza tudo e cria um mundo contra ideias divergentes. Não passa de um empregado de mesa.

Xabanú (Vicente), estúpido. Burgesso. Tem uma certa pancada. Previsível e senil. Carpinteiro bruto. Chumbou várias vezes no curso de arquitetura até que foi expulso. Faz, do nada, frases sem sentido.

A diferença é mais importante do que parece, se não houvesse diferenças estaríamos perdidos...

Helena Araújo (12 anos)

Existe sempre conflito em todo o lado, sem ele o mundo ficaria estático, sem movimento. A vida perderia o interesse, seria um tédio, uma seca.

Miguel Sequeira (12 anos)

E se tudo fosse amarelo? possibilita às crianças um espaço de experimentação, de invenção, pensamento e diálogo, nomeadamente entre as suas ideias e as da Sílvia. Um lugar onde a infância é valorizada, não apenas para serem sugeridos exercícios e técnicas às crianças, mas sobretudo para acolher o que há nelas de inesperado e novo, potenciando assim a criação artística. A criança, liberta das expectativas do adulto acerca do que é suposto vir a ser ou fazer, do que está certo ou errado, vai traçando junto com a artista um caminho singular, nunca antes experimentado. Nesse devir-criança, surgem zonas de contaminação em que uns e outros afetam e se deixam afetar sem nunca perder aquilo que os distingue. Os movimentos, os gestos, as sonoridades e as questões existenciais que compõem este trabalho, através das suas várias linguagens, resultam de acontecimentos que se dão em tempo real e não de ideias programadas. É com espanto, alegria e entusiasmo que as crianças participam deste processo em que o resultado é uma cocriação da artista com as crianças. Rita Pedro

Sílvia Real

Iniciou os seus estudos em dança clássica com Luna Andermatt. Estudou dança, teatro e voz no London Studio Centre, London Contemporary Dance School. Frequentou o Lee Strasberg Theatre Institute de Nova Iorque. Foi bolsista da Secretaria de Estado da Cultura, do Instituto Português das Artes do Espetáculo e da Fundação Calouste Gulbenkian/FLAD. Participou no projeto International Dancemakers Lab / MultiArts Project, em Nova Iorque; no Skite 92, em Paris e Skite 94, em Lisboa; no European Choreographic Forum 3, em Dartington e no Bates Festival 95, no Maine.

Foi cofundadora e intérprete da companhia Re.Al / João Fiadeiro, onde dançou *Retrato da memória enquanto peso morto* e *O que eu penso que ele pensa que eu penso*. Trabalhou como intérprete e cocriadora nos espetáculos *Sob* e *Para enfastiadas e profundas tristezas*, de Vera Mantero. Colaborou com Luís Castro no espetáculo *Escravo doutros*.

Em 1995 estreou *Pour Bien* (Culturgest). Em 1996 estreou *Road Movie* (Fundação de Serralves). Em 1997 estreou *Casio Tone* (Festival Danças na Cidade). Em 1998 dirigiu *Assim vai o Mundo* (Festival Mergulho no Futuro/Expo 98) e cria com Sérgio Pelágio a Associação Cultural Produções Real Pelágio. Coreografou e dirigiu *O eco do eco* (Encontros Acarte 99). Em 2001 estreou *Handy #23* (Festival Citemor e CCB). Em 2002 trabalhou como intérprete no espetá-

culo *data/local* de Miguel Pereira e estreou *Solo para dois intérpretes #1 e #2*, no CCB. Em 2003 estreou *Subtone* (CCB e Transforma). Em 2006 trabalhou como intérprete no espetáculo *Live | Evil* de Francisco Camacho. Em 2007 estreou *Tritone* (Culturgest, CCB, Centro Cultural do Cartaxo, Centro de Artes de Sines, Theatro Circo, Festival Y e Teatro Viriato), ocasião em que as Produções Real Pelágio celebraram o 10.º aniversário da existência da personalidade Sra. Domicília. Este aniversário foi celebrado na Culturgest, com a apresentação de vários espetáculos durante duas semanas.

Em 2010 dirigiu *Tempo Perdido*, para as Comédias do Minho. Foi docente na Escola Superior de Teatro e Cinema, onde ensinou a disciplina de *performance* (2007/2011). Ensinou expressão dramática a crianças, integrado no Projeto Orquestra Geração (2011-2013). Em 2011 dançou *Lost Ride*, um solo coreografado por Francisco Camacho. Em 2012 fez assistência de movimento e coreografia para *Amor doentio*, de Ana Padrão e Lara Beirão da Veiga sobre casas de abrigo para vítimas de violência doméstica. No mesmo ano teve uma participação especial no espetáculo de Francisco Camacho *Andiamo!* (Guimarães, Capital Europeia da Cultura). Em 2013 assumiu, juntamente com a EIRA / Francisco Camacho, a dinamização do Teatro da Voz. É diretora artística, coordenadora pedagógica do Centro de Formação Artística / Teatro da Voz, onde inicia um projeto de formação contínua em estreita colaboração com a Escola

da Voz do Operário – Sociedade de Instrução e Beneficência de Utilidade Pública, destacada no circuito educativo pela ação paralela que desenvolve com as comunidades com menores recursos. Desde 2011 que trabalha com crianças na Escola Voz do Operário e desde 2013 no Teatro da Voz. Em 2014 coreografou e foi cocriadora de uma pequena opereta, *Rebola o medo e ri*, de Rute Prates e Sofia Sequeira (CCB), um espetáculo com quatro intérpretes adolescentes.

Distinções e prémios: Intérprete em *Retrato da memória enquanto peso morto* de João Fiadeiro (Prémio Acarte / Maria Madalena de Azeredo Perdigão 92) e intérprete / cocriadora em *Para enfastiadas e profundas tristezas* (Prémio Bagnolet 96) de Vera Mantero. *Pour Bien* (Prémio de Reposição O Teatro da Década / 96 do CPAI). Representação portuguesa na área da dança com *Casio Tone* em Lille / Les Repérages e em Roma / Biennale del Giovanni Artisti dell'Europa e del Mediterraneo.

Bruno Cochat

Licenciado pela Escola Superior de Dança – Ramo de Espetáculo. Iniciou os seus estudos em dança em 1983 na Companhia Nacional de Bailado e Ballet Gulbenkian. Em 2005 cria Rav'Ormanse, associação que dirige. Como intérprete, participou em diversas produções, entre as quais destaca: *A Sobrinha do Marquês*, de Fernanda Alves, coreografia de Paula Massano; *O Poder da Górgone*, de Manuel Coelho, coreografia de Olga

Roriz; *Cyrano e O Navio dos Rebeldes*, de Claudio Hochman; *Sexta-Feira 13*, Musical de Xutos & Pontapés, Toyota Box, de António Feio. Como coreógrafo, destaca: *Nu Meio*, cocriação com Filipa Francisco; *Rituais De Luto/a*, Expo 98; *Quebra-Nozes*; *O Perigo da Dança*; *Carpe Diem*; *Babar, o pequeno elefante e Portuguezmente (Dançando)*.

Professor da Escola de Música do Conservatório Nacional – Atelier de Ópera e Expressão Dramática para o Atelier Musical. Professor de Corpo e Movimento nos Cursos de Teatro Musical – Teatro da Trindade: *Othello*, *Lsd*, *Cymbelino*. Professor de Dança Contemporânea e Conceitos Criativos na Escola Superior de Tecnologia e Artes de Lisboa. Criador da temporada *Le Foyer*, do Conservatório Nacional.

Ana Sofia Sequeira

Licenciada e Mestre em Guitarra e Ensino pela Escola Superior de Música de Lisboa, onde trabalhou com Piñeiro Nagy. A sua formação passou ainda pelo Instituto Gregoriano de Lisboa, Academia de Amadores de Música e pela *Hochschule für Musik und Theater* de Hamburgo. Em 1992 foi finalista no Concurso da Juventude Musical Portuguesa e em 1995 foi vencedora do 1.º Prémio no 4.º Festival Internacional de Guitarra de Zarautz em Espanha. Em 2000 colaborou com a Companhia de Teatro da Cornucópia na peça *As Bodas de Fígaro*, com música original de João Madureira. É docente na Academia de Música de Santa Cecília e na Academia de Amadores de Música.

Rute Prates

Estudou no Instituto Gregoriano de Lisboa onde concluiu o Curso Geral de Piano, prosseguindo os estudos na Escola Superior de Música de Lisboa onde completou a Licenciatura em Formação Musical. Atualmente leciona as disciplinas de Formação Musical e Coro, no Instituto Gregoriano de Lisboa, e dirige o Coro Preparatório do Instituto Gregoriano de Lisboa em parceria com Teresa Lancastré e Vozes do Catavento.

Rita Pedro

Licenciada em Filosofia pela Universidade Nova de Lisboa, mestranda em Filosofia sob a orientação do filósofo José Gil.

Desde 2000 dinamiza as sessões Filosofia Com Crianças (FcC) em diversas instituições, no lugar da disciplina da Educação Cívica do currículo obrigatório e como atividade extracurricular em diversas escolas, e é formadora e leciona seminários de FcC, nomeadamente na Escola Superior de Educação Maria Ulrich.

De 2006 a 2010 orientou e dinamizou projetos de FcC em contexto de emigração, dirigidos a crianças e jovens entre os 4 e os 18 anos, residentes no bairro da Cova da Moura, (*Projeto Pensar e Agir na Diferença*). Em 2010 e 2011 fez pesquisa-ação com crianças de comunidades rurais e piscatórias nas Ilhas de São Vicente e Santo Antão, em Cabo Verde (bolsa do Inovart da DGArtes). Desde 2010 colabora com a equipa

do NEFI, Universidade do Estado do Rio de Janeiro e com projetos de Arte Pública realizados em Lisboa e Paris, com Françoise Schein e Associação Inscire. Realiza oficinas de FcC e Arte na Fábrica das Artes /CCB em colaboração com vários artistas.

Bárbara Ramires

Professora do ensino Básico, nos 1.º e 2.º Ciclos na Variante de Matemática e Ciências da Natureza, com formação na Escola Superior de Educação de Lisboa. Estagiou em 1.º ciclo na Escola n.º 1 de Algés, no Centro Helen Keller, Instituto Jacob Pereira e Casa Pia. Em 2.º Ciclo estagiou na escola Pedro Santarém. Lecionou no Externato As Descobertas e desde 2003 que leciona na Escola A Voz do Operário, onde acumula com a função de Diretora Pedagógica do 1.º ciclo. Em paralelo com esta atividade, deu formação na área da Metodologia de Ensino do Movimento da Escola Moderna a alunos de algumas Escolas Superiores de Educação e foi professora cooperante (orientação de estágios) de alunos da Escola Superior de Educação de Lisboa e Escola Superior de Educação Almeida Garrett. Foi monitora do projeto “sábados pedagógicos” (expressão plástica e dramática), no Teatro Maria Matos (1999-2001).

Frank Laubenheimer

Trabalha há mais de 15 anos na área de luminotecnia e sonoplastia. Desde 2006 colabora regularmente na conceção de projetos de dança e teatro de

diversas companhias e coreógrafos, tais como Meg Stuart, Deja Donné, Daniela Kurz, Unterwegstheater e Francisco Camacho.

Catarina Saraiva

Curadora, produtora e investigadora de artes performativas. Tem pós-graduação em gestão cultural e *master* em Práticas Escénicas y Cultura Visual pela Universidade de Alcalá de Henares, Espanha. Começou a trabalhar em produção de teatro em 1992. Fez parte da equipa Alcantara entre 1999 e 2009, assumindo a direção de produção e executiva da associação em 2001 e mais tarde a direção artística do espaço Alcantara. A partir de 2010, enveredou pela investigação e programação artística. Participou e desenvolveu projetos de curadoria e investigação em Madrid em colaboração com La Casa Encendida e Matadero, Madrid. Entre 2012 e 2014 assumiu a direção artística do Festival Panorama, no Rio de Janeiro, Brasil. Atualmente desenvolve diversos projetos curatoriais e assessorias artísticas entre Brasil, Chile e Portugal. Paralelamente tem escrito vários artigos e efetuado vários seminários sobre o mercado das artes performativas contemporâneas e curadoria.

Bruno Canas

Criativo multidisciplinar. Licenciado em comunicação e design, trabalha com vídeo documental e ficção. Realiza filmes para *newmedia* e televisão, desenvolvendo também trabalho de autor

em que cruza o vídeo e a instalação interativa. Colabora regularmente com companhias de teatro e dança. O seu trabalho de autor tem sido exibido em festivais de cinema nacionais e, internacionalmente, no Brasil, Argentina, África do Sul e por toda a Europa.

Produções Real Pelágio

A Real Pelágio foi fundada em 1998 para conceder uma estrutura jurídica ao trabalho de Sílvia Real e Sérgio Pelágio, baseando-se nas afinidades estéticas, conceptuais e programáticas.

A coreógrafa e bailarina Sílvia Real e o compositor e músico Sérgio Pelágio trabalharam juntos pela primeira vez em *Sob* de Vera Mantero (1993) e depois em *Pour Bien* (1995), seguindo-se *Road Movie* (1996).

Criações e projetos assinados em conjunto passam por *Casio Tone* (1997), *Assim vai o mundo* (1998), *O eco do eco* (1999); Festival 3 semanas 3 nomes (2000), em coprodução com a CM Mafra; *Handy #23* (2001); *Solo para dois intérpretes #1 e #2* (2002); *Subtone* (2003); *Tritone* (2007).

Em 2007, celebraram na Culturgest o 10.º aniversário da existência da personagem que se tornou a sua imagem de marca – a Sra. Domicília.

Casio Tone, *Subtone* e *Tritone* têm inspirado crianças, pais e professores e obtiveram uma excelente receção por parte da crítica especializada nacional e estrangeira. *Tritone* foi considerado pelos críticos do *Público* um dos dez melhores espetáculos de 2007. Desde 2009, Sérgio Pelágio iniciou o projeto

“Histórias Magnéticas” dirigido ao público infantil, articulando dois princípios fundamentais de trabalho: educação artística e cruzamento disciplinar.

Sérgio Pelágio trabalhou como compositor para os coreógrafos Paulo Ribeiro, Paula Massano, João Galante, Teresa Prima, Vera Mantero e Francisco Camacho. Toca regularmente com o contrabaixista Mário Franco, com quem gravou recentemente um CD em 2014.

Em 2013 estrearam *Domicília Magic Show* (Serralves em Festa). A Real Pelágio voltou a visitar o universo da Sra. Domicília, pela primeira vez num espetáculo ao ar livre.

Em abril de 2015 estrearam *Pessoa Invisível*, integrado no Projeto Café Orpheu – Comemorações dos 100 anos da Revista Orpheu (Casa Fernando Pessoa). Sobre essa criação foi realizado um filme documental de Bruno Canas.

A Real Pelágio sempre insistiu intensivamente na descentralização das suas apresentações. Para além das circulações nacionais, fizeram digressões em vários países da Europa, América Latina e Ásia, totalizando, até ao momento, um total de 296 apresentações da *Trilogia* (Sra. Domicília) e 135 apresentações de *Histórias Magnéticas*.

Desde 1998, por considerarem que se trata de um princípio básico do seu trabalho, realizam oficinas para crianças.

Próximo espetáculo

Camané

Infinito Presente

Música Qui 24, sex 25 de setembro
Grande Auditório · 21h30 · Dur. 1h15 · M6



“Talvez *Infinito Presente* não seja, como Camané diz, o mais negro dos seus discos (...); mas é o álbum mais inteiro de Camané, aquele em que o fadista mostra toda a gama dos seus recursos. (...) *Infinito Presente* é a história toda de Camané, do que ele sentiu lá dentro e do que ele viu cá fora.”

João Bonifácio, *Ípsilon*, crítica 5 estrelas a *Infinito Presente*, 01.05.2015

Próximo espetáculo de teatro/dança

Novo

(título provisório)

de João de Brito e Yola Pinto

Teatro / Dança Dom 18 de outubro
Sala 6 · 16h · Duração: 1h · M6



Novo (título provisório) aborda as dicotomias clássico / contemporâneo, o objeto renovado / o objeto transformado e até mesmo natural / adquirido, onde a reflexão, o humor e o encantamento pela descoberta prevalecem.

Mais informações em www.culturgest.pt

Conselho de Administração**Presidente**

Álvaro do Nascimento

Administradores

Miguel Lobo Antunes

Margarida Ferraz

Assessores**Dança**

Gil Mendo

Teatro

Francisco Frazão

Arte Contemporânea

Miguel Wandschneider

Serviço Educativo

Raquel Ribeiro dos Santos

João Belo

Direção de Produção

Margarida Mota

Produção e Secretariado

Patrícia Blázquez

Mariana Cardoso

de Lemos

Jorge Epifânio

Exposições**Coordenação de Produção**

Mário Valente

Produção

António Sequeira Lopes

Paula Tavares dos Santos

Fernando Teixeira

Culturgest Porto

Susana Sameiro

Comunicação

Filipe Folhadela Moreira

Publicações

Marta Cardoso

Rosário Sousa Machado

Atividades Comerciais

Catarina Carmona

Patrícia Blazquez

Serviços Administrativos e Financeiros

Cristina Ribeiro

Paulo Silva

Teresa Figueiredo

Direção Técnica

Paulo Prata Ramos

Direção de Cena e Luzes

Horácio Fernandes

Assistente de Direção Cenotécnica

José Manuel Rodrigues

Audiovisuais

Américo Firmino

(coordenador)

Ricardo Guerreiro

Suse Fernandes

Iluminação de Cena

Fernando Ricardo (chefe)

Vítor Pinto

Maquinaria de Cena

Nuno Alves (chefe)

Artur Brandão

Técnico Auxiliar

Vasco Branco

Frente de Casa

Rute Sousa

Bilheteira

Manuela Fialho

Edgar Andrade

Clara Troni

Receção

Sofia Fernandes

Auxiliar Administrativo

Nuno Cunha

Coleção da Caixa Geral de Depósitos

Isabel Corte-Real

Inês Costa Dias

Maria Manuel Conceição

Edifício Sede da CGD

Rua Arco do Cego, 1000-300 Lisboa, Piso 1

Tel: 21 790 51 55 · Fax: 21 848 39 03

culturgest@cgd.pt · www.culturgest.pt